

A HISTÓRIA CULTURAL NO BRASIL: ENTREVISTA COM DURVAL MUNIZ DE ALBUQUERQUE JUNIOR

DOI: 10.5935/2177-6644.20160002

CULTURAL HISTORY IN BRAZIL:
AN INTERVIEW WITH DURVAL
MUNIZ DE ALBUQUERQUE JUNIOR

UNA HISTORIA CULTURAL EN
BRASIL: UNA ENTREVISTA COM
DURVAL MUNIZ DE
ALBUQUERQUE JUNIOR

Hélio Sochodolak*

Gerson Pietta**

Wallas Jefferson de Lima***

Resumo: A entrevista com o professor e pesquisador Durval Muniz de Albuquerque Junior enfoca questões acerca da História Cultural, Michel Foucault e do fazer historiográfico. A memória do professor revelam traços de uma realidade tão cara ao campo historiográfico.

Palavras-chave: História Cultural. Nordeste. ANPUH. Campo historiográfico.

Abstract: The interview with professor and researcher Durval Muniz de Albuquerque Junior focuses on issues of Cultural History, Michel Foucault and historiographical do. The memory of Professor reveal traces of such an expensive reality the historiographical field.

Keyboards: Cultural history. Northeast. ANPUH. Historiographical field.

Resumen: La entrevista con el profesor e investigador Durval Muniz de Albuquerque Junior se centra en temas de Historia Cultural, Michel Foucault y hacer historiográfico. La memoria del maestro revelan rastros de una realidad tan caro el campo historiográfico.

Palabras clave: Historia cultural. Noreste. ANPUH. Campo historiográfico.

* Docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. E-mail: sochodo@gmail.com

** Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. E-mail: gersonpietta@hotmail.com

*** Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. E-mail: wallasjefferson@hotmail.com

Sochodolak/Pietta/Lima: Como surgiu seu interesse pela História? Poderia falar um pouco de sua formação?

Albuquerque Junior: Na verdade eu sempre soube, em grande medida, que seria professor. Desde que aos nove anos de idade fui encarregado de alfabetizar minha irmã. Nós não tínhamos escola na fazenda de meu pai e fui alfabetizado por minha mãe. Em um determinado momento, minha mãe engravidou – uma gravidez de risco – e ela me repassou a tarefa de fazer a alfabetização da minha irmã. Desde então, me interessei profundamente pela profissão. Não sabia de que seria professor, mas tinha uma vaga ideia. No segundo grau tive uma professora de História excepcional chamada Marta Lúcia Ribeiro que depois, inclusive, veio a ser minha professora na Universidade, nas disciplinas Teoria da História e História do Nordeste. Em grande medida, tudo que eu faço está relacionado com o que ela me ensinou. E foi aí que eu escolhi fazer o vestibular para a História e me dedicar à História. Eu seria professor de português, geografia ou de história, jamais seria de matemática. Mas eu me decidi pela História por causa desta professora que ensinava de uma forma muito apaixonante. Ela foi minha professora todos os três anos do segundo grau e tornava a História uma coisa muito interessante; era uma pessoa muito politizada, em plena ditadura ela tinha coragem de fazer uma abordagem da História que eu nunca tinha visto, pois estava acostumado a ver a História como uma coisa factual. A partir daí, decidi que iria fazer História.

Sochodolak/Pietta/Lima: Seu tema de doutorado surgiu de que maneira? Como foi trabalhar com o professor Robert Wayne Andrew Slenes?

Albuquerque Junior: A minha tese, meu tema, aparece no decorrer da própria pesquisa para o mestrado. Fiz um mestrado sobre o surgimento da seca como um problema nacional no final do século XIX, mas na verdade minha dissertação de mestrado poderia se chamar "A invenção da seca como um problema". A seca sempre ocorreu do ponto de vista climático naquela área. Desde o período colonial tem-se notícias de ocorrência de seca, mas ela nunca foi um tema, um problema, nem tornou-se uma questão, a não ser a partir da seca de 1877 a 1879, quando ganha uma projeção nacional pela cobertura da imprensa, quando da publicação dos primeiros romances cuja temática era a seca, o retirante e a fome. *Aves de arribação* e uma série de romances naturalistas do século XIX escritos por autores como José do Patrocínio, Antônio Sales, Rodolfo Teófilo vão

transformar essa temática numa questão. Assim, eu trabalhei com um período que abarcava o ano de 1877 até a institucionalização da seca através da criação da Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca - IFOCS - em 1919. Portanto, parti do surgimento do discurso da seca até sua institucionalização com a criação do IFOCS. Ao estudar esse período percebi que a palavra "Nordeste" não aparecia, quer dizer, toda documentação se referia a "Norte". A palavra Nordeste vai aparecer pela primeira vez no documento de fundação do IFOCS, de 1919, em que sua área de atuação era definida como Nordeste. Só que o Nordeste ainda muito no sentido de um ponto meramente colateral, ou seja, um ponto entre o Norte e o Leste, sem um sentido propriamente de uma região; não tinha o sentido de que aquilo era uma área específica. O conceito de Nordeste surge nesse momento. Isso me chamou a atenção: o fato de que toda a documentação chamava o Norte e me interessei por saber por que surge o Nordeste, em que momento ele surge e as condições históricas de seu surgimento.

Foi então que surgiu minha tese de doutorado, que teve oficialmente a orientação do Robert Slenes, mas que na verdade, efetivamente foi orientada pelo professor Alcir Lenharo. O professor Robert Slenes foi meu orientador desde a dissertação de mestrado. Eu entrei na Unicamp para ser orientando do professor Peter Aisenberg, só que o professor Peter faleceu um ano depois de um ataque cardíaco e o professor Robert Slenes estava chegando na Unicamp vindo da Universidade Federal Fluminense e ele praticamente "herdou" todos os orientandos do Peter. Foi assim que fui trabalhar com ele, e fiz o trabalho de mestrado que se chama *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino - de problema à solução*. Quando eu fiz a seleção para o doutorado, já a fiz para ser orientando do Slenes. E logo que entrei no curso, o professor Robert tirou uma licença para passar um ano nos Estados Unidos. E, nesse período o professor Alcir Lenharo assumiu a orientação do trabalho e terminou sendo, efetivamente, o orientador. Por isso que está no currículo lattes como orientador o professor Robert Slenes, porque oficialmente foi ele o orientador. Porém, foi o Alcir o presidente da banca quando eu defendi. Trabalhar com o professor Robert Slenes foi muito tranquilo porque ele é uma pessoa muito aberta. Inclusive, agora em novembro, todos os ex-orientandos prestarão uma homenagem a ele que se aposentou. Vai ter um evento na Federal Fluminense reunindo todos seus ex-orientandos e o tema do meu texto é exatamente o caráter aberto do professor Slenes para todo tipo de abordagem. Ele é um historiador social, trabalha com o tema da escravidão, tem [Edward Palmer] Thompson como sua grande orientação

teórica e eu trabalhei com Thompson no mestrado, mas no doutorado não trabalhei. No entanto, ele me deu total abertura, não tinha nenhum domínio sobre os dois temas que eu estava trabalhando, não conhecia absolutamente nada, só era um grande leitor. Ele era um leitor muito rigoroso, inclusive, do ponto de vista da língua portuguesa. Ele sabia mais língua portuguesa do que eu, embora sendo americano. Como ele aprendeu português escrevendo, tinha um domínio maior da gramática do que eu, corrigia meu próprio português algumas vezes. Era uma pessoa muito rigorosa que efetivamente lia, o que é as vezes raro em algumas universidades. Ele lia e me escrevia cartas imensas. Tenho as cartas guardadas, fazendo observações página por página. Ele era um leitor crítico, mas não tinha o domínio nem da teoria que eu tratava e nem dos temas. Era alguém que tinha um domínio sobre o que é um trabalho científico, e me cobrava. Era uma pessoa muito simpática, afável, muito fácil de lidar. É claro que a orientação do Alcir foi muito preciosa porque o Alcir, ele sim, dominava o ponto de vista teórico que eu trabalhava. Alcir conhecia o [Michel] Foucault, foi o primeiro professor a trabalhar com [Gilles] Deleuze e [Félix] Guattari na historiografia, introduzi-los como pessoas a partir da qual a gente escreve a História. O Alcir me ajudou muito na tese. Agora o "Bob" como a gente o chama, também é uma pessoa muito querida e, acima de tudo, uma pessoa que foi decisiva com uma frase que ele me disse. Ao ler parte do primeiro capítulo da minha dissertação, ele me diz em uma carta: "Você não escreve como historiador, você escreve como sociólogo e economista. Você joga para as notas de rodapé os eventos. Tem vergonha de narrar os eventos". E efetivamente eu tinha toda uma formação lendo economistas, sociólogos e cientistas sociais. Líamos muito pouco os historiadores naquele momento. Eu tive toda uma formação lendo a Escola Sociológica Paulista. Li [Francisco] Weffort, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Maria Sylvia Carvalho Franco, Octavio Ianni, toda uma bibliografia de cunho sociológico. Ou li Celso Furtado, Caio Prado Júnior, Francisco Oliveira, ou seja, economistas. Eu tive uma formação marxista sem ler [Karl] Marx, porque Marx estava proibido de ser publicado no Brasil. Fiz uma graduação no final da ditadura, entre 1979-1982. A nova edição de *O Capital* saiu mais ou menos em 1982, quando a Civilização Brasileira relançou-o. Eu fui ler Marx propriamente no mestrado. Tive uma disciplina em que lemos apenas *O Capital* e o rascunho d'O Capital que são os *Grundrisse* [der Kritik der politischen Ökonomie - *Elementos fundamentais para a crítica da economia política*] com um professor chileno que focou todo o curso na obra. Fiz toda uma graduação marxista, mas

lendo sociólogos e economistas e isso influenciou minha forma de escrever e, a partir da crítica do Bob, eu fui ler muito mais os historiadores prestando atenção no estilo com que escrevem. E aí meu encontro com Gilberto Freyre é definitivo do ponto de vista de como você pode escrever de uma forma muito mais literária e agradável para o leitor. A minha tese de doutorado tem uma escrita muito diferente da minha dissertação de mestrado. Por isso, nunca publiquei minha dissertação. Ela foi resumida em um artigo que foi publicado na *Revista Brasileira de História* no número 28. Eu nunca a publiquei, não por causa do conteúdo, mas em função do estilo. É um texto que não tem mais minha cara, do ponto de vista do estilo e da escrita. As pessoas estranhariam muito o Durval Muniz que apareceria ali, porque ainda era uma escrita muito conceitual, abstrata, escrita típica de sociólogos onde os conceitos assumem o lugar dos agentes. Nessa escrita não há sujeitos, eles são categorias. E essa fala do Slenes foi decisiva. É, inclusive, uma coisa que irei falar na homenagem. Slenes escreve muito bem. É um historiador que escreveu poucos trabalhos, mas o que escreveu tem muita importância porque ele é, como todo pesquisador americano, aquela pessoa obsessiva pelo documento, faz levantamentos documentais fabulosos e cruzamentos quantitativos que a gente não tem muita paciência de fazer. Eles [americanos] trabalham com essa dimensão do quantitativo e hoje com a ajuda do computador, você faz cruzamentos impressionantes com os dados. Ele tem um livro muito bonito chamado *Na Senzala uma Flor*, que trata da família escrava, contestando a tese de que não existiu famílias entre os escravos, a partir do cruzamento de uma série de dados, para mostrar como era muito mais comum do que se pensa a existência de famílias entre os escravos. Até pelo título, você já percebe que se trata de algo bem literário. Dessa forma, a convivência com ele foi uma convivência das mais agradáveis e quem o conhece sabe que ele é uma pessoa extremamente simpática e uma pessoa que marca encontro e vai. Isso é tudo, ainda mais para um orientando como eu, que viajava da Paraíba para ter orientação. Se o orientador faltasse, como alguns faziam, isso era uma coisa fatal, pois gastava-se a passagem aérea. Como ele sabia que eu vinha de longe, ele marcava e passava o dia inteiro comigo. Algumas vezes, me levava para sua casa, coisa que não é comum para um americano, embora ele fosse casado com uma baiana. Ele foi muito importante para mim, mas o Alcir também.

Sochodolak/Pietta/Lima: Quais os historiadores mais importantes em sua formação?

Albuquerque Junior: A minha formação é marxista. Eu li desde Nelson Werneck Sodré à Caio Prado Júnior, que foram meus textos básicos na disciplina História do Brasil I. Tinha uma professora extremamente conservadora que, no entanto, dava o curso com dois historiadores marxistas, talvez, por que não tinha sequer capacidade de saber que aquilo era marxismo. Mas, de uma forma geral, eu tive uma formação marxista. Meus professores eram de esquerda em um momento político difícil. Alguns tiveram que enterrar livros no quintal na época da ditadura e tiveram que desenterrar depois. O professor Valdomiro Cavalcante foi demitido por justa causa da Universidade Federal de Pernambuco por perseguição política. Eu estudei numa Universidade que era uma Fundação do município de Campina Grande, a Universidade Regional do Nordeste. Era uma Universidade pública, mas que era paga. Fiz a Universidade com crédito educativo. Minha formação foi toda marxista lendo cientistas sociais. Por exemplo, Gilberto Freyre era uma leitura proibida no meu curso porque havia um preconceito em relação a ele. Nós não líamos Sérgio Buarque [de Holanda] na graduação. Dos "três porquinhos", eu conheci o Caio Prado Júnior, que era o básico. Daí eu li o Leo Huberman, ou seja, aquela literatura clássica, militante mesmo. Li Leôncio Basbaum e Eric Hobsbawm. Os autores importantes para minha formação na graduação, portanto, foram esses. Na verdade, foi uma formação que eu revi completamente no mestrado. Porque quando eu entrei no mestrado na Unicamp eu sofri o impacto de fazer um curso de Historiografia Brasileira com Ítalo Tronca, que não tinha nada de Historiografia Brasileira. Nesse curso lemos E. P. Thompson e Michel Foucault. E aí mudou tudo, porque Thompson já era uma crítica a todo aquele marxismo mais economicista e mais estruturalista em que me formei, sendo inclusive uma outra forma de escrever. Até a questão do estilo é impactado, porque quando se lê Thompson tem-se uma dimensão muito mais literária. Thompson é um grande leitor da Literatura Romântica Inglesa, sendo um estudioso do Romantismo Inglês e muito influenciado pela Literatura Romântica. Ele tem um livro chamado *Os Românticos* onde estuda essa Literatura.

O primeiro impacto de Foucault, para mim, foi a temática. Eu nunca imaginei que se pudesse fazer uma História da Loucura e isso me deixou profundamente impactado, porque sou uma pessoa curiosa. Nesse curso fiquei responsável pela discussão da obra *História da Loucura*, mas a coisa que mais me impactou foi a escrita. A escrita de Foucault é uma coisa impressionante. A forma como escrevia, as imagens que produzia, a forma como utilizava a documentação para "criar um clima" e preparar uma

narrativa. O grande impacto inicialmente foi do ponto de vista estilístico e, depois, é claro, a forma de pensar a História, que era completamente diferente do que eu estava acostumado até então. Essa disciplina do Ítalo foi muito importante.

Eu fiz esta disciplina onde li Marx, antes só havia lido alguns comentadores horrorosos de Marx como Marta Harnecker, por exemplo. Escritores que faziam uma verdadeira caricatura do pensamento de Marx e quando fui lê-lo percebi que era muito mais rico do que aquelas caricaturas que eu tinha lido. *O Manifesto Comunista* é, para mim, um texto muito impactante. É um Marx que tem a capacidade de visualização do que vai acontecer no futuro que só os grandes gênios conseguem fazer. O mesmo impacto que causa em mim ler o curso *Segurança, Território e População* de Foucault, curso dado nos anos 80 em que prefigura todo o Neoliberalismo, a prevalência do discurso Neoliberal, como o discurso Neoliberal vai explicar tudo, até mesmo as relações afetivas. Vai-se usar todo um vocabulário da economia para falar das relações pessoais. O texto, *O manifesto*, é uma coisa impressionante. Tudo que Karl Marx previu n'*O Manifesto* aconteceu e ele escreveu isso entre 1847-1848, ou seja, muito antes do capitalismo passar para sua próxima fase monopolista. E ele consegue visualizar esse processo. *O 18 de Brumário*, um texto bonito, inclusive do ponto de vista literário, possui influência de Shakespeare já que o grande modelo literário de Marx é exatamente o grande escritor inglês. Ele influencia sua maneira de escrever história, daquela maneira e dimensão trágicas. A História, para Marx, é uma tragédia, do ponto de vista dos trabalhadores como vai dizer o próprio Hayden White. Ela é cômica do ponto de vista do projeto, a história terá um final feliz. A História no final é cômica, pois ela acaba bem. Então, Marx foi muito importante em minha formação, não posso negar. O marxismo de uma forma geral é minha formação política. Participei politicamente, mobilizado pelo próprio marxismo, embora tenha tido inicialmente uma militância religiosa, nas comunidades eclesiais de base. Eu era muito católico e minha família também. Fiz parte de um grupo de jovens na Igreja, mas uma Igreja em grande medida influenciada pela Teologia da Libertação. A minha primeira politização talvez tenha se dado junto aos padres e freiras da Teologia da Libertação, onde já estava o marxismo, afinal, a Teologia da Libertação é uma leitura marxista do cristianismo.

Sochodolak/Pietta/Lima: Como intelectual, o seu trabalho parece bastante dedicado a trazer a filosofia para o dia a dia do historiador. Que importância possui Michel Foucault em sua carreira?

Albuquerque Junior: O Michel Foucault mudou completamente a minha forma de conceber a História e de escrevê-la. Eu saí de uma visão estrutural e economicista da História e passei a percebê-la centrada fundamentalmente no acontecimento. A dimensão estrutural e os grandes esquemas de interpretação da História desvalorizaram o acontecimento, desqualificaram-no, dado que o acontecimento já estava explicado previamente. Esse é o grande problema do marxismo e de outros esquemas de explicação da História: o acontecimento já estava explicado no esquema. Dessa forma, em grande medida o que o historiador fazia era adaptar o acontecimento a esse esquema de explicação; isso facilitava nossa vida, parecia que dava uma explicação universal mas em grande medida, tirava o valor daquilo que é fundamental para o historiador, que é o acontecimento. Foucault parte exatamente do oposto em todas as suas obras, que são, aliás, obras de um filósofo. Foucault não é, como muitos pensam, um historiador mas um filósofo e portanto, ele estava fazendo uma história das formas de pensamento, como ele chamou a sua cadeira no *Collège de France*. Dessa forma, não era um historiador social, porque ele era um filósofo. Ele não era um historiador das ideias, mas um historiador das formas de pensamento. Por isso, toda sua obra se passa no campo das ideias e do pensamento. Todavia, ele faz o pensamento ser vivido. Parte das ideias encarnadas em ações, das ideias impregnadas em práticas, concretas, em acontecimentos. Ou seja, ele parte do acontecimento. Quando se abre um livro de Foucault, como *Vigiar e Punir*, como é que ele começa? Com um acontecimento. O livro inicia-se com o suplício de *Damiens* e com aquela descrição terrível de seu suplício e que desde já cria todo um clima para você entender o livro posteriormente. *A História da Loucura* começa com a *Nau dos Loucos*, com o quadro de [Hieronymus] Bosch, a nau que levava os loucos perigosos para as ilhas retiradas. A partir dessa cena, e Foucault é um grande construtor de cenas, ele começa a narrar a História daquilo que parecia não ter História. Isso também me fascinou. Foucault fez História daquilo que normalmente a gente achava que não tinha História, porque era uma coisa naturalizada. Por isso, o desnaturalizar os objetos é uma coisa muito importante. Foucault olhava para o mundo de uma forma diferente do que o marxismo e o historicismo olhavam. Ele criticava o

historicismo, a ideia de processo contínuo, de evolução, de desenvolvimento, de progresso. Todas essas categorias tão centrais na modernidade fazem parte de sua crítica, pois valorizava a ruptura, a descontinuidade, a emergência, o surgimento do problema. Ele duvida das continuidades, põe-nas em xeque. E isso era uma outra forma de olhar a História. Eu tinha toda uma formação que era o contrário. O marxismo é um historicismo, uma de suas versões, assim como o positivismo, seu inimigo, também o era. Assim como também o pensamento liberal era historicista, ou seja, tinha sempre um projeto de futuro e a história, em grande medida, movia-se em direção a esse futuro, tinha uma teleologia.

Foucault não têm isso. Ele vem da tradição nietzscheana do pensamento ocidental, que é uma tradição trágica e o pensamento trágico é aquele que você está sempre à beira da falésia como vai dizer o [Roger] Chartier, pois você não sabe o que é o futuro. O futuro está sempre aberto, têm várias possibilidades. E a grande dificuldade do historiador é porque normalmente o historiador sabe onde a História "vai dar" e ele não pode contar a história como se ela necessariamente tivesse dado onde ela deu. Todavia, o historiador tem que contar a História mostrando as possibilidades que ela teve em um dado momento de ser diferente do que ela se tornou. O historiador tem a vantagem de saber onde a História terminou, mas isso também constitui uma desvantagem, porque pode induzir a acreditar que esse era o único caminho. Aquela ideia de necessidade da História que está tão presente no marxismo, a ideia de racionalidade na história, que vem do hegelianismo, que está em Marx e que também vêm de Hegel, ou seja, existe uma "mão da razão" e da racionalidade presidindo a História. Por isso Foucault é chamado equivocadamente de irracionalista, mas ele não tem nada de irracionalista. Ele apenas questiona essa racionalidade interna aos processos, porque pensa a História como conflito. Marx e a tradição nietzscheana também pensam a História como conflito, como *agôn*, como agônica. Só que em Marx o conflito se resolve através da *dialética*, e sempre para melhor, "dá um salto" para adiante. Nietzsche tem essa dúvida. O *agôn* em Nietzsche não se resolve, ele permanece o tempo todo em conflito. Por isso, quando se cobra de Foucault, "qual sua utopia, qual é seu projeto?" Foucault não tem projeto, não tem utopia, porque não tem teleologia. Isso não significava que não lutasse por mudanças e que não tivesse objetivos. Ele foi, aliás, um militante quase obsessivo. Ele estava em cada passeata, assinava todo tipo de petição e abaixo-assinado. Ou seja, acreditava na luta, porém, não tinha um projeto de futuro. Evidentemente porque ele não

acreditava nisso. Ele não acreditava que soubéssemos previamente no que e onde a História iria dar. Temos que lutar por determinadas coisas em cada momento. Você tem as bandeiras e deseja que aquilo se efetive, mas daí acreditar que isso é uma necessidade histórica... Na versão Stalinista do marxismo, por exemplo, você não precisava nem lutar pela Revolução. Ela aconteceria inexoravelmente. O comunismo chegaria, você quisesse ou não, lutasse ou não. Era um destino. Ora, isso é uma escatologia cristã, só que laica, porque Hegel na verdade é um cristão. Ele é uma racionalização do cristianismo. Porque a tradição nietzscheana é diferente? Por que Nietzsche é o anticristo. Porque ele é o crítico do cristianismo e da racionalidade cristã. Por isso, a tradição dele é tão diferente. Porque ele rompe com o messianismo, a *parousia*, a promessa e o ascetismo. O marxismo tem uma grande dose de ascetismo. Ser militante do marxismo é ser um asceta. Eu fui militante marxista, e a gente não podia amar porque a causa deveria estar na frente. Isso é ser um asceta.

Sochodolak/Pietta/Lima: É o herói trágico hegeliano...

Albuquerque Junior: Isso mesmo. É o herói hegeliano, não nietzscheano. O nietzscheano é aquele que afirma a vida, apesar de tudo. Foucault é alguém que afirma a vida, inclusive na vida. Propriamente viveu a vida, inclusive com todos os riscos e perigos dela, até que ela o matou, como toda vida matará alguém. Morreremos mais cedo ou mais tarde.

Sochodolak/Pietta/Lima: E esse é o horizonte do trágico?

Albuquerque Junior: Exatamente. A gente sabe que vai morrer, que a vida vai ter fim. O cristianismo deu uma promessa de uma teleologia e um certo messianismo transcendental. Você tem uma dimensão transcendental que não existe em Nietzsche. Existe em [Immanuel] Kant, existe em Hegel. Assim, viver sem transcendência é difícil e complicado. A sua única afirmação é a própria vida. Você tem que afirmar a vida por ela mesma e não viver a vida por causa de uma outra coisa. Acredito que Foucault não só muda a forma de ver a História como muda a forma de ver a vida, o mundo, porque através dele chegamos a Nietzsche. Ou seja, através de Foucault eu "recuei" e fui conhecer a obra de Nietzsche e fui conhecer [Arthur] Schopenhauer, que estava na base de Nietzsche. Daí, você sai fazendo o percurso e chega até os pré-socráticos, que são

muito diferentes de Platão e Aristóteles que foram a base da minha formação. Aliás, toda nossa formação é platônica, hegeliana, porque é o pensamento dominante no Ocidente.

Sochodolak/Pietta/Lima: Você colocaria Foucault como um pensador trágico?

Albuquerque Junior: Sim, ele é um pensador trágico. Mas, não é somente um pensador trágico, é uma pessoa trágica. Sua própria vida é trágica, no sentido que ele a viveu, embora o final de sua vida, seja uma reflexão sobre a vida, sobre a ética e de como tornar a vida uma obra de arte. Isso é a última reflexão dele, o ponto final de sua trajetória. E isso motivado pela doença, pois foi ela que o fez mudar. Uma das dimensões que mais me encanta em Foucault é justamente o pensamento aberto a cada livro. Ele foi um pensador da experimentação, alguém que experimentava. Cada pesquisa efetivamente era uma experiência. Ou seja, ele saía marcado e mudado por cada pesquisa. Por isso, ele não tinha certeza sobre nada, pois como ele não tinha esquema de explicação prévia, elaborava um esquema de explicação a cada livro. Era na pesquisa que ele elaborava os conceitos e a explicação. Terminada uma obra, ele não transportava as mesmas coisas para as pesquisas posteriores. Na pesquisa posterior, ia escavar os conceitos na própria documentação e a explicação para aquele objeto. Então, cada objeto requeria um aparato conceitual de explicação própria. Por isso, ele é um pensador em mudança, pois não tinha nenhuma vergonha de mudar e abandonar o que fez. Por exemplo, ele escreve *História da Loucura* utilizando a formação fenomenológica que tinha. Ele foi aluno de [Maurice] Merleau-Ponty e a categoria de percepção, que é a categoria base de *História da Loucura*, é uma categoria fenomenológica que ele abandona. Quando publica a segunda edição da *História da Loucura* faz, inclusive, um prefácio exatamente chamando a atenção de que não concorda mais com o uso da categoria "percepção". Por que dizer que existem várias percepções da loucura é, na verdade, pensar que existe uma loucura em si, que existe uma loucura selvagem que só será percebida diferentemente em várias épocas. E não é. Não se trata de percepção, tratam-se de construções históricas distintas. Uma coisa é "alienação" e outra coisa é a "doença mental". São duas coisas completamente diferentes; são conceitos diferentes que criam objetos e sujeitos diferentes. O "alienado" não é a mesma coisa que o "doente mental". Eles são distintos. As práticas e os saberes que incidem sobre eles, bem como as instituições que são criadas são distintas. Dessa forma, não se tem distintas percepções e sim distintas figuras de sujeitos. Os loucos são

várias figuras de sujeito. Por exemplo, ele escreve o primeiro volume de *História da Sexualidade* e leva oito anos para publicar os outros dois volumes. Ele os publica muito próximo da morte. Esse período aqui é um período de mutação, inclusive dele, pessoal, por causa da experiência da doença que o faz, por exemplo, deixar a ênfase que dava nas relações de poder na elaboração dos saberes, na conformação das subjetividades, para pensar nas práticas de si. Não é que ele antes não tratasse das práticas de si, mas ele enfatizava a sujeição. Agora vai enfatizar o que chamará de subjetivação, que é o trabalho de você, sobre você mesmo, que é o que estava fazendo com si próprio. Ele estava fazendo um trabalho sobre si mesmo para conseguir sobreviver aquela tragédia que era a doença e a proximidade da morte. A morte aproximava-se e ele tinha que fazer esse trabalho sobre si mesmo, de aceitação que iria morrer.

O pensamento de Foucault é um pensamento muito enrolado com a própria vida dele. Acho que isso é uma coisa muito forte. Você escreve a partir das suas próprias vivências, e isso é muito característico também do que eu escrevo. Tudo que eu escrevo tem haver com o que eu vivi. Todos os meus livros, vocês vão ver, lá na introdução eu vou falar da experiência pessoal que motiva a escrita daquilo. Nada do que escrevo ou produzo não tem haver com minha vida. Tem, sim, a ver comigo. E acho que todo mundo que escreve, tem a ver com algo que faz. Acredito que essa dimensão existencial da escrita, do pensar, é muito claro e forte em Foucault. Não se escreve somente por causa da profissão, ou porque se ocupa um lugar na academia. Não se produz por produzir. Produz-se porque se tem algo a dizer, a partir de uma experiência que é sua. A palavra experiência é central na obra de Foucault. Ele vai falar de experiência tanto quanto [E.P.] Thompson falará de experiência. Só que entendem "experiência" de uma forma distinta, porque Thompson ainda têm a dimensão historicista do marxismo, onde a experiência é algo que se acumula, que vem do passado. Em Foucault é justamente o contrário. Experiência é aquilo que emerge, corta e rompe. É um choque. Experiência é tudo aquilo que te marca, porque rompe e corta. Aquela famosa frase dele no *Nietzsche, a Genealogia e a História*: "O Saber é feito para cortar". Ele fará uma ironia com os críticos dele no final de *A Arqueologia do Saber*: "Vocês que querem me encontrar em algum lugar, querem me rotular. Eu já não estou mais no lugar onde você me espreita". Todas as vezes que você vai tentar rotular Foucault, ele já não está mais no lugar onde você o quer rotular, pois ele já está em outro lugar. Porque para ele experiência é aquilo que ele vai fundamentalmente ler em [Maurice] Blanchot, que é a ideia de "experiência-limite", a

experiência que corta. E a experiência limite de Blanchot é ter aderido ao pensamento nazi-fascista em um determinado momento. Isso é uma coisa que o marcou pelo resto da vida; o marcou porque seus inimigos até hoje ainda usam isso para desqualificar seu pensamento. É uma mácula que jamais ele irá superar, como [Martin] Heidegger jamais superou. Toda a extraordinária filosofia de Heidegger é desqualificada com uma penada por causa disso, ou seja, isso é uma marca muito forte. Blanchot vem de toda uma formação católica, cristã que deu nisso. Nos anos 30 muita gente do catolicismo foi para a extrema-direita, inclusive o Papa. O Papa de plantão, silenciou-se diante do nazi-fascismo com o qual claramente compactou e, inclusive silenciou diante do holocausto judeu. Nada disse. Ou seja, aquelas pessoas que tinham formação cristã, muitas delas caíram nessa armadilha do nazi-fascismo.

Sochodolak/Pietta/Lima: Trabalhar com um conceito amplo como "região" obriga-nos a uma abordagem multidisciplinar. É difícil escrever acerca desse conceito separando-o da área de geografia ou até mesmo da sociologia. O uso cotidiano do termo faz com que os pesquisadores e a sociedade como um todo associe-o tão somente aos espaços, aos territórios, aos domínios, conceitos ligados quase sempre à chamada região natural. No artigo *O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região* o senhor mostrou como ao longo da história, região tem sido pensada como um dado prévio, a-histórico, morto, fixo, passivo, em oposição ao tempo, (categoria hipervalorizada pelos historiadores). Como retirar do conceito região tamanha carga que lhe foi imposta?

Albuquerque Junior: Primeiro é preciso deixar claro que não existe "região natural". Nenhuma região é natural porque a natureza não recorta regiões, quem as recorta são os homens. A região é um conceito político como eu mostro nesse artigo. Região vem de *regio*, de rei, uma área sob o domínio de um rei. Tem haver com política. É fundamentalmente uma construção política, assim como a Nação. A Região e a Nação são construções políticas e que possuem uma dimensão imaginária e uma dimensão cultural centrais. Ninguém constrói uma região ou uma nação, para que esta efetivamente exista, sem um investimento no imaginário e na construção cultural.

Por isso, o Nordeste existe e o Sudeste não. O Sudeste é um mero recorte político-administrativo, que não é vivenciada nem introjetada por ninguém. Ninguém se sente do

sudeste nem se sente "sudestino". Ou seja, o Sudeste é uma ficção político-administrativa que não existe. O Nordeste, por outro lado, existe. E existe porque está dentro das pessoas, subjetivado por todos. As pessoas se arrepiam quando falam do Nordeste, choram e revoltam-se por sua causa. Por que? Porque foi uma elaboração imaginária e cultural muito sofisticada. Houve todo um investimento na construção desta região: de símbolos, ícones, imagens, narrativas, textos e personagens. Essa região foi profundamente elaborada. Houve um projeto, quer dizer, o movimento regionalista tradicionalista, o congresso regionalista, o centro regionalista do Nordeste foram instituições propositadamente criadas para inventar e formular o conceito de Nordeste e investi-lo de conteúdo. Assim, a região é uma construção no campo da linguagem. Não existe região e nação fora desse campo. É aquilo justamente que o [Benedict] Anderson vai falar sobre a nação, ou seja, como uma comunidade imaginada. Por que ninguém vive na região, a gente vive em uma parcela dela. Vive-se sempre em um pedaço de região. O que vai se definir como região é uma dimensão imaginária, está no nosso imaginário que "isso" ou "aquilo" é uma região.

O problema do conceito de região é a vulgarização de seu uso. Região é usada "a torto e a direito", onde tudo é região. Fala-se com a maior naturalidade "a região disso", "região daquilo", "região da cidade tal" ou "região do rio tal". É o uso abusivo do conceito que constitui o problema. Ele perde toda sua especificidade. Sempre que formos falar de região, devemos dizer como estamos entendendo "região", pois é um conceito muito marcado pelo senso comum e pela vulgaridade. Tudo é região. E se tudo é região, nada é região. Para utilizar o conceito, devemos sempre dizer como estamos entendendo-o. Claro, quem é historiador das regiões é um historiador de como elas são criadas, como aparecem e emergem historicamente. A grande novidade do livro *A invenção do Nordeste* é porque mostrei que o Nordeste nem sempre existiu, dado que a tendência do discurso regional, regionalista e nacionalista é naturalizar a região e a nação. Criam-se a região e a nação em determinados momentos e jogam-nas no passado, naturalizadas onde elas existem "desde sempre". Ou seja, elas já estavam escritas em algum lugar quando - no caso dessa história de discurso da região natural - ela é uma região definida pela natureza, que é uma coisa completamente impossível porque a natureza não define nada do que é humano. Ou seja, a região é um conceito do plano da linguagem, uma construção da linguagem política, estética e cultural. Ela sempre é uma construção que poderá ser recriada, relida, repensada ou repostada ao longo do tempo. Há uma grande

tendência, inclusive, de você repor o mesmo conjunto de imagens, enunciados, personagens e clichês. Ontem [na palestra *O Sertão é um punhado de Saudades: Literatura e História de um espaço e de um sentimento* proferida na UNICENTRO, Campi Guarapuava] eu falava sobre sertão e o sertão é exatamente isso: é um conjunto de clichês imagéticos e enunciativos que vão sendo repetidos *ad nauseam* na produção de teatro, cinema, TV e Literatura. Os lugares-comuns vão sendo proliferados. Daí a importância de Foucault para tratar de uma coisa dessas, pois ele ataca justamente os lugares-comuns. Ele duvida dos lugares-comuns.

De onde parte minha dissertação de mestrado? Toda a literatura que eu lia sobre a seca afirmava que a seca de 1877-79 foi a "grande seca". E ninguém nunca duvidava disso. Por que ela foi a "grande seca"? Afinal, se houveram naquele espaço dezenas de secas anteriores e dezenas posteriores, porque essa foi a "grande seca"? Todo mundo repetia isso sem sequer questionar. Aí fui ver se ela tinha sido realmente a grande seca e analisando os dados percebi que ela nada tinha de "grande" do ponto de vista físico da seca. Em nenhum aspecto. Ela foi considerada uma "seca verde", ou seja, aquela seca que chove e que a vegetação fica verde, mas não o suficiente para produzir. Ela também foi uma seca que atingiu os quatro províncias do Norte, mas existiram secas que abrangeram os territórios que vai de Minas Gerais ao Maranhão. Ela foi uma seca que durou três anos. Porém, há secas que duraram até seis anos no século XVIII. Ela matou, e isso é impressionante, 18% da população do semiárido, no entanto, a seca de um século antes tinha matado 25%. Só que 25% em 1777 é, proporcionalmente, muito menos gente do que 18% cem anos depois. 18% cem anos depois é uma matança enorme. E o problema maior foi quem morreu nessa seca de 1877. Quem morreu na seca de 1777 foram índios, negros escravos e pobres. Na de 1877 morreram pessoas das camadas dominantes. E aí é onde reside a diferença: a seca pela primeira vez atingiu as elites agrárias e levou a falência um setor inteiro dessas elites. Por quê? Porque havia tido na década anterior a Guerra de Secessão Americana, a produção algodoeira tinha expandido-se como nunca no sertão para abastecer o mercado inglês. A produção americana tinha cessado por causa da guerra. Tivemos uma migração para o sertão tendo em vista a produção de algodão. Então, houve um acréscimo de população. Tivemos também uma grande quantidade de pessoas que passaram a se dedicar a atividade algodoeira. Na década seguinte, os Estados Unidos voltaram ao mercado. A produção algodoeira no Brasil entrou em crise - e é bom lembrar que a produção de açúcar já

encontrava-se também em dificuldade por causa da concorrência do açúcar das Antilhas e da beterraba. Então a região estava vivendo uma crise econômica em seus dois principais produtos. Assim, a seca veio e piorou ainda mais a situação. Essa elite que um século antes, era pequena e podia fugir para o litoral e ser empregada, pois as sinecuras do Estado sustentavam-nas e mantinham-nas, agora, cem anos depois, não dava mais. O Estado não tinha como empregar tanta gente. Ou seja, proprietários de terra passam a migrar, a ter fome e a morrer pelas estradas. E isso causa um impacto enorme. Quando vemos nos discursos o sertanejo que está morrendo, perguntamo-nos: quem é esse sertanejo? É o "fulano da família tal" que morreu e isso é que era grave. É esse sertanejo que conta. Daí, porque essa seca tem uma repercussão enorme na imprensa local e nacional. Aliás, essa repercussão é um dado que não existia antes, pois a imprensa inexistia no final do século XVIII para cobrir a seca. A seca era, portanto, uma coisa que acontecia lá no Ceará e matava pobre, negro e índio, mas ninguém ficava sabendo. Agora, um século depois, tem-se jornal que vai ao Ceará e fotografa a seca. As fotos causam uma comoção, porque pela primeira vez está se usando a fotografia e causa um impacto aquelas fotografias publicadas em *O Commercio* do Rio, *O Paiz* e *A Notícia*. Aquelas fotos de pessoas esqueléticas, ossos furando a pele e crianças absolutamente cadavéricas causam um impacto. José do Patrocínio é escalado para ir ao Ceará cobrir a seca, porque a seca é só seca do Ceará. Para se ter uma ideia, até a seca de 1877-79 a seca é chamada "Seca do Ceará", pois tinha-se a ideia de que só no Ceará se tinha seca. José do Patrocínio envia as fotos e as reportagens escritas e isso causa um enorme choque na Corte, a ponto de D. Pedro II ter dito a famosa frase de que usaria até a última joia da coroa e as pessoas não continuariam morrendo. E a gente sabe que as pessoas continuaram morrendo e não gastou-se sequer uma joia da Coroa. E é isso que faz a seca de 1877-79 ser uma "grande seca". Não tem nada de grande do ponto de vista físico.

Ou seja, o que é que eu estou tentando mostrar? Que deve-se desnaturalizar um enunciado que é repetido. Deve-se questionar o lugar-comum. Todas as obras de Foucault começam com um questionamento de um lugar-comum. Todo mundo achava que a sexualidade sempre existiu. Acreditava-se que ao nascer, o ser humano possuía sexualidade, era uma "coisa natural". Foucault irá dizer o contrário. Sexualidade, na verdade, é um dispositivo que passou a existir somente no século XIX. Antes disso, não existia sexualidade. Não é que não existia o sexo. O sexo existia, todo mundo fazia sexo, mas o fazia a partir de outros códigos, pressupostos e valores. Os gregos antigos não

tenham sexualidade. Por isso, Foucault é chamado de nominalista. E efetivamente ele tem uma dimensão nominalista. Ser nominalista é prestar atenção no nome pelo qual as coisas são chamadas em cada época. Ou seja, se uma coisa tem um nome diferente em duas épocas é porque elas são diferentes. Não são a mesma coisa. Às vezes, tem o mesmo nome, mas são diferentes. Por exemplo, se uma coisa é chamada "sodomia" e depois "homossexualidade", isso significa que não se trata da mesma coisa. Como sodomia não é a mesma coisa que o "amor entre os rapazes" gregos. É diferente. Não somente o conceito é diferente, mas os valores, concepções, saberes e práticas são distintos. Por exemplo, acredita-se que o amor grego entre o *erastes* e *eromenos* era majoritariamente penetração anal. E não era. Era basicamente penetração entre as coxas. Na verdade, tinha-se que respeitar o futuro cidadão que estava sendo formado. Era uma relação pedagógica, daí porque *pederastia* e *pedagogia* possuem a mesma raiz: educação das crianças. Ou seja, o menino de sete anos era entregue a um tutor mais velho que ensinava tudo, inclusive fazer sexo. Por isso que se fazia sexo com ele, era para ensiná-lo a prática sexual.

Sochodolak/Pietta/Lima: Você vê nisso o perigo do anacronismo?

Albuquerque Junior: Sim. É um dos grandes perigos para o historiador, embora não possamos evitá-lo. Por que o anacronismo é uma *aporia* da História. A História tem que lutar contra o anacronismo, mas nunca pode deixar de ser anacrônica porque estamos sempre falando do passado em termos do presente. Não podemos voltar ao passado e olhá-lo com o olhar do passado. A História é sempre anacrônica, nesse sentido. Olhamos para o passado a partir de pressupostos do presente. Mas, temos que fazer um esforço para não cometermos anacronismos bárbaros como, por exemplo, de fazer uma História da Homossexualidade ou chamar "os *gays*" no período colonial como o faz Luiz Mott. Não existia a palavra "*gay*" no período colonial. *Gay* é um termo americano que vem do movimento homossexual norte-americano, dos anos 60. Então, precisamos datar essas expressões.

Sochodolak/Pietta/Lima: Como foi presidir a Associação Nacional de História - ANPUH?

Albuquerque Junior: Muito trabalho antes de tudo. Eu tinha muita responsabilidade, pois fui o primeiro presidente da ANPUH fora do eixo Rio - São Paulo. E tinha que administrar a ANPUH, que tem sede em São Paulo, morando em Natal. Não fui liberado pela minha universidade em uma hora de aula sequer para ser presidente da ANPUH. Na reunião do departamento, onde isso foi decidido, foi deixado claro que isso nada tinha haver com a universidade e que, portanto, não iriam me liberar uma hora sequer para que eu exercesse a presidência. Mas foi uma experiência muito enriquecedora porque eu já tinha tido uma experiência interessante que foi fazer parte do Comitê de área do CNPQ [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico], onde passei a conhecer todos os tipos de pesquisa na área e muitos pesquisadores. Tive também a experiência de ser avaliador de cursos de graduação e viajei o Brasil avaliando cursos, tendo a experiência de conhecer vários cursos e professores do Brasil inteiro. A ANPUH me deu toda a experiência de viajar pelo país. Eu participei praticamente de todos os encontros regionais da ANPUH. Na mesma semana eu cheguei a ir a vários lugares diferentes; eu saí do Piauí com 30º e fui para Santa Catarina com 10º numa mesma semana.

Não fui apenas o responsável pela gestão, que é uma gestão reconhecida por todos dentro da área. Foi uma gestão realizada colegiadamente, ou seja, com toda a diretoria e que efetivamente funcionou, não tendo vaidades pessoais nem brigas internas, o que é uma coisa de se notar. Quando dirijo alguma coisa, efetivamente atribuo responsabilidades. Não tenho pretensão de fazer as coisas sozinho, não sou centralizador. Talvez aí resida o sucesso da gestão. Uma das primeiras coisas que fiz foi justamente fazer com que as regionais efetivamente fizessem parte das decisões da ANPUH Nacional, financiando inclusive as viagens dos representantes das regionais para os encontros. Eles geralmente não iam por falta de dinheiro. Fazia-se uma reunião das regionais e vinha três ou quatro representantes e isso não legitimava absolutamente nada. Uma das coisas que eu percebi é que muitos não vinham por causa dos recursos financeiros. Aí adotei a prática de pagar a passagem de todos os dirigentes das regionais que quisessem e comprovassem que não tinham condições financeiras. E efetivamente os dirigentes das regionais passaram a decidir. A gente fazia uma reunião de diretoria sempre antecedida por uma reunião das regionais. Tudo que a gente aprovava na diretoria já tinha sido aprovado na reunião com as regionais. Realmente, eram as regionais que decidiam tudo.

Acredito que toda gestão deve ter um planejamento. Antes de tudo, eu tinha um plano de gestão que foi aprovado pela diretoria e que foi executado. Não deixei de executar nenhuma meta sequer. Coincidiu que minha gestão iria culminar com a realização do Simpósio Nacional de História que comemoraria os 50 anos da entidade. Assim, tive que fazer uma série de programações visando essa comemoração. Não era um simpósio qualquer. Era um simpósio de um cinquentenário. Muitas coisas foram feitas. A ANPUH era uma instituição sem memória. Tratava-se de uma instituição de historiadores que não possuía um Arquivo organizado. O Arquivo era uma bagunça completa e total. Grande parte da memória da ANPUH estava nas regionais e não na Nacional. A primeira coisa que fiz foi fazer um projeto de organização do Arquivo da ANPUH. A ANPUH hoje possui um arquivo organizado e digitalizado. Inclusive, espero que estejam continuando a organização dos Arquivos nas regionais. Tive uma experiência piloto com a regional da Paraíba, que é uma das regionais mais constantes de todas da ANPUH. A regional de São Paulo também fez um projeto para digitalizar seu acervo. Esta é, inclusive, umbilicalmente ligada a ANPUH nacional. Na sede, tínhamos pilhas e mais pilhas de revistas amontoadas, sem serem usadas ou vendidas. Eu as coloquei à venda por um preço muito barato e doei muitas coleções inteiras a todas as bibliotecas que pediam. Assim, esvaziamos uma sala completa de revistas. Eu encontrei a entidade devendo vinte e cinco reais a uma papelaria. Em relação a esse aspecto, eu tive uma tesoureira que era extremamente rigorosa quanto aos gastos e competente, que colocou as finanças da ANPUH em dia. Recebi uma ANPUH com um grande aporte de recursos porque o Congresso anterior tinha dado um grande lucro. Assim, tive recursos para fazer tudo que desejava. O Manoel Salgado, que me antecedeu, começou uma organização da entidade que realmente estava bastante desorganizada, a começar pela própria secretaria. A Revista Brasileira de História - RBH, estava desprestigiada no interior da comunidade, a Regina Horta [Duarte], editora da revista na gestão anterior, começou a recuperá-la, dado que a RBH tinha perdido toda a credibilidade. Ela tinha deixado de ser uma Revista em que os maiores historiadores brasileiros publicavam, mas eram mestrands e doutorandos que publicavam na RBH, o que era um absurdo. Existindo centenas de Revistas de História no Brasil, a principal da área não tinha os maiores historiadores do país publicando nela. Uma Revista que é tida como internacional e que raramente publicava artigos de autores internacionais. A RBH teve que ser recuperada e a Regina fez um trabalho muito importante de credibilidade e que

Marieta [de Moraes Ferreira] continuou. A *Revista História Hoje* que tinha morrido, fizemos renascer mudando o seu perfil, pois não tinha sentido você ter uma segunda revista que iria concorrer com a RBH. Tínhamos que mudar e a ideia era que *Revista História Hoje* fosse voltada para o ensino de História. Tratava-se de uma revista para ser usada na sala de aula pelo professor, inclusive com links, imagens, vídeos e textos. Saiu apenas um número porque foi um projeto que demorou tempo para ser elaborado. Exigia uma tecnologia de computador que nós não tínhamos domínio porque até isso não existia. Eu cheguei na ANPUH e os computadores eram uma vergonha. Eram computadores antiquíssimos. Então foi um trabalho que foi feito com toda uma equipe, com a participação das regionais e acredito que o mais importante foi ter colocado a questão da regulamentação da profissão para andar novamente, pois estava praticamente paralisado e que coincidiu com nossa chegada.

Quando o senador Paulo Paim apresentou o projeto, passamos a acompanhar e pressionar o Congresso Nacional. Era uma questão que parecia banal e controversa entre os próprios historiadores. Fizemos questão de levar para o Simpósio dos 50 anos da ANPUH e à Assembleia para votar se os historiadores eram a favor ou não da regulamentação, porque isso nunca tinha sido feito. Não havia nenhuma ata dizendo que os historiadores em Assembleia tinham se colocado a favor ou não da regulamentação. E eu fiz questão de fazer isso. Inclusive, cheguei a enviar documentos preparatórios. Escrevemos um documento defendendo a posição favorável, mas solicitando que pessoas que fossem contra também escrevessem documentos defendendo o ponto de vista contrário. Infelizmente, os contrários nunca escreveram nenhum documento. Mesmo na Assembleia apareceram apenas duas pessoas contrárias e os argumentos foram precários. Mas existem mais pessoas que são contrárias. E aí discutimos isso. A própria comunicação da ANPUH com os seus associados foi ampliado. O boletim da ANPUH era uma pilha de links sem qualquer organização. Fizemos um boletim com *layout*. A ANPUH não tinha qualquer preocupação estética, a página da *web* era um horror e, por isso, foi refeita. A página estava totalmente atrasada. Encontrava-se desatualizada desde o Simpósio de Londrina, quer dizer, desde a gestão anterior.

Sochodolak/Pietta/Lima: E quais seriam os pontos a favor da regulamentação?

Albuquerque Junior: A regulamentação vai produzir um benefício social, pois você não terá mais professores que não são formados em História dando aula no Ensino Fundamental e Médio. O grande benefício da regulamentação é que você irá coibir que o governador ou o prefeito nomeie alguém que é formado em Biologia e Matemática para dar aula de História como acontece atualmente. Como não têm a profissão, como ela não é regulamentada, pode-se colocar qualquer um para dar aula de História. Como qualquer um pode contar uma história ou sabe narrar, todo mundo é um "historiador natural". Deve-se, porém, levar em conta outras coisas. Existem, por exemplo, uma série de instituições que deveriam ter historiadores e que não tem. Não possuem porque tem dificuldade em contratar. Quando o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, faz um concurso ele não pode abrir uma vaga para historiador porque a profissão não existe. Se você faz um concurso para historiador, alguém pode contestar na Justiça e o concurso é anulado, porque não existe a profissão. Ora, e porque sociólogo, arquivista, museólogo e geógrafo é reconhecido e apenas nós não? Qual o argumento para isso? Como o Estado Brasileiro exige que você passe quatro anos fazendo uma formação de historiador e depois, esse mesmo Estado, não reconhece a profissão? É uma contradição em termos. Se qualquer um pode ser historiador, acabemos com os cursos de formação de historiador! Acabemos com os bacharelados! Vamos formar, então, só licenciados porque a docência já é uma profissão reconhecida. Ora, quando você, enquanto historiador, é consultado para prestar uma assessoria histórica de qualquer coisa, você não tem parâmetros para cobrar financeiramente. Eu fui várias vezes contratado para ser assessor de peça teatral, de filme e de programas de TV. Mas, como você irá cobrar se não existe parâmetro?

As pessoas achavam que a ANPUH estava querendo se tornar uma espécie de Ordem dos Advogados do Brasil – OAB. Não é isso. As pessoas não leem o projeto e ficam falando de algo que desconhecem. O projeto não prevê a criação de nenhuma instituição regulamentadora, porque não precisa. A gente simplesmente vai, ao acabar o curso, ir ao Ministério do Trabalho e registrar-se como um profissional de História. Nós não iremos passar por nenhuma avaliação aos moldes do que faz a OAB. Nós somos avaliados o tempo todo, na Universidade, no emprego, etc. O projeto, inclusive, foi aperfeiçoado agora na gestão do Rodrigo [Patto Sá Motta] porque houve toda uma polêmica com o pessoal das áreas de educação, da História das Artes e com uma série de pessoas que achavam que o projeto impediria esses profissionais de atuar, ou fazer com

que houvesse um monopólio dos historiadores, onde só esses é que poderiam atuar. Pedagogos não poderiam mais ministrar aulas de História da Educação, os historiadores da arte não iriam poder existir separadamente. Só que o projeto foi aperfeiçoado. Na minha época ele foi aprovado no Senado Federal e essa foi a nossa grande vitória, pois foi um longo percurso. Esse não é o primeiro projeto que visa regulamentar a profissão de historiador, foram feitos vários desse tipo, só que todos morreram na Câmara sendo arquivados na primeira Comissão. Agora é claro que isso [a aprovação da regulamentação] tem haver com o próprio perfil do Congresso que vai surgir das eleições e do próximo executivo porque se tivermos um governo novamente neoliberal, que é contra a regulamentação de tudo que é profissão, ou seja, se a filosofia neoliberal voltar teremos um problema. Por exemplo, na gestão do governo Fernando Henrique Cardoso, ele foi contra a regulamentação de tudo quanto era profissão, exceto sociólogo. Muito curioso isso, não? O governo orientava as bancadas para não regulamentar qualquer profissão. Agora, nos últimos anos nós tivemos por aí peão de boiadeiro, mototaxista e outras profissões regulamentadas e acho que chegará a hora em que o historiador terá sua profissão regulamentada também. Isso é um benefício social, não é algo que vai nos beneficiar enquanto categoria, apenas, mas beneficiará a sociedade por que vai livrar as crianças de uma má formação em história, coibindo a invasão da área por pessoas que não estão qualificadas. O que não significa a não possibilidade do reconhecimento das pessoas que não são historiadoras por notório saber, quer dizer, pessoas que não são formadas em Histórias, mas cujas obras são reconhecidas. Isso o próprio projeto prevê. Essas pessoas continuarão sendo reconhecidas como historiadores; não haverá nenhuma proibição de ninguém escrever sobre História. O projeto não proíbe ninguém de escrever um livro de História. Isso é uma coisa absurda. Se ele é um bom ou mau livro de História, isso quem irá dizer serão os leitores. Não haverá nenhuma instância para decidir se isto é ou não um livro de História. Não se trata disso. Estamos falando da hora de se fazer um concurso e de se contratar profissionais nas instituições. Ali é onde se terá que provar que se é historiador.

Sochodolak/Pietta/Lima: O professor Leandro Konder possui um texto chamado *Curriculum Mortis* na qual fala de intelectuais que, por obrigação da vida acadêmica, caracterizada pela pontuação, produção, etc., colocam todos os êxitos no *curriculum*

***vitae*. Todavia, esquecem de fazer uma autocrítica, recordando os fracassos. O senhor poderia dizer o que considera um triunfo seu e onde acha que fracassou, se fracassou?**

Albuquerque Junior: Eu acho que para uma pessoa que saiu do interior do Nordeste, de uma fazenda, que teve que estudar em casa, pois não teve acesso à escola, que teve que fazer a segunda fase do primeiro grau viajando de carro num jipe à noite, andando 12 km para cá e para lá, chegar onde cheguei é uma vitória. Quando eu politicamente me posiciono e venho à público, e uma das coisas que mais me apavoram no momento são os intelectuais silenciosos, intelectuais que somem do debate político, que não veem à público no momento decisivo do país para colocar a "cara a bater", pois nossos intelectuais estão em grande medida calados, é porque eu tive uma trajetória de vida, eu convivi com pessoas e conheci uma realidade de sertão, do Cariri paraibano, uma realidade em que poucos como eu sobreviveram. Mesmo sendo filho de um proprietário de terras minha família foi se empobrecendo à medida que as gerações foram passando e a terra foi sendo dividida. Cada geração era mais pobre que a outra. Na minha geração, quem não estudou transformou-se em "peão", não tem mais nenhuma posição social. Meus primos que não estudaram migraram e trabalham atualmente como porteiros em prédios no Rio ou em São Paulo ou nas obras do metrô. Ou seja, na verdade empobreceram, proletarizaram-se definitivamente. Eu sou neto e bisneto de um coronel. E por isso, cheguei onde cheguei. Mas mesmo assim, veja, na minha casa sou o único que tem curso superior e exerce a profissão. Meus outros irmãos não possuem curso superior. Meu irmão mais novo tem, mas não exerce a profissão e minha irmã e irmão mais velhos não terminaram a Universidade. Só eu e meu irmão mais novo fizemos o curso superior. E isso dado as dificuldades. Minha mãe em um determinado momento teve que montar uma escola para dar aulas para as crianças da localidade onde morávamos. Ela foi minha grande inspiração. Devido a gravidez de risco e o machismo do meu pai, que não podia ver minha mãe com uma profissão e ganhando dinheiro, ela acabou fechando a escola e deixou todo mundo da zona rural onde morávamos sem escola. E era uma área que não tinha a menor possibilidade... Então acho que a gente nunca consegue fazer tudo aquilo que quer na vida. Dizer que eu tenho fracassos é faltar com a verdade. Pelo contrário. A vida tem sido muito generosa comigo e eu tenho trabalhado muito para isso também. Posso dizer que tenho uma estrela bastante grande. Agora mesmo acabei de receber um *email*, na qual tive a notícia de que o livro *A invenção*

do Nordeste acabara de ser publicado nos Estados Unidos. Estarei recebendo algumas cópias que estão sendo posta nos correios para mim. Isso é uma emoção.

Sochodolak/Pietta/Lima: Parabéns...

Albuquerque Junior: Obrigado. Quando eu tiver o livro nas mãos serei um autor internacional. Para quem saiu do Cariri paraibano e se tornar alguém internacional, ter livro em inglês e dizer que tem fracasso seria muito mesquinho da minha parte. É claro que a vida foi muito generosa comigo e ao mesmo tempo trágica. Sofri vários acidentes até que no último tive a mão direita amputada. Mas, nunca fiz disso uma tragédia, um motivo de parar ou de não continuar a vida. Nunca me fiz de coitado nem usei isso como argumento para nada porque detesto pessoas que assim o fazem. Tive muitos alunos que, por algum motivo de deficiência ou por serem pobres ficavam usando isso como argumento. E isso sempre me irritou. Não é porque você é pobre que a pobreza justifica você não entregar o trabalho na data correta. Nunca suportei quem usa qualquer debilidade ou deficiência como justificativa para não fazer as coisas. Lembro-me daquela famosa frase de Nietzsche: você viveu efetivamente a vida quando você olha para trás e diz "sim, faria tudo de novo". Digo: sim, eu faria tudo de novo. Não tenho grandes arrependimentos na vida. Acho que, em grande medida, o sucesso de qualquer pessoa tem haver com o tipo de relação que ele mantém com os outros. As pessoas estão muito enganadas quando acham que o sucesso acadêmico depende exclusivamente de sua produção acadêmica. Isso não é verdade. No Brasil, e em qualquer lugar do mundo, as relações pessoais são fundamentais na carreira. Eu aprendi isso e reforcei ainda mais essa opinião agora que estou lendo uma série de biografias de intelectuais, pois irei escrever uma biografia de [Luís da] Câmara Cascudo, e vejo como as relações pessoais e a forma como você estabelece relações com os outros são decisivos na trajetória de todos. Eu, felizmente, por onde passei consegui fazer amigos e isso é uma coisa que alguns não conseguem. Eu consigo conviver com a diferença e a diversidade e isso me aproxima do pensamento de Foucault, que é justamente uma filosofia da diferença. Eu fui aluno da Unicamp duas vezes. Trata-se de uma universidade muito dividida e conflituosa e com choque de grandes egos, nomes e competências, de parte à parte, e eu soube aprender com todos e ficar bem com todos. Nunca briguei com nenhum. E não briguei porque nunca tomei partido algum. Nunca fui quadro de ninguém em nenhum lugar. E nunca

quis que aluno fosse quadro meu. Nunca quis que aluno fosse meu seguidor. Não procuro seguidores na sala de aula. Tive muitos professores que quiseram ter muitos seguidores, mas acho isso um equívoco. Valorizo o Robert Slenes justamente por que ele nunca me proibiu de assistir disciplina com quem quer que fosse. Acho que tenho sido muito ajudado por meus amigos. Eu não tenho nenhuma dúvida em dizer isso. Não ajudado no mal sentido, de fazer qualquer coisa, qualquer "jeitinho" ou trapaça, mas ajudado no sentido de ser corrigido. Eu como professor e orientador sou muito franco e sincero. Eu não escondo nada dos meus alunos e orientandos. Crítica que tiver que ser feita eu faço, porque acho que é isso que faz a pessoa crescer. Mas isso não significa que não tenho com eles uma boa relação pessoal. Uma coisa básica para qualquer pessoa crescer é ser humilde. Isso eu digo sempre aos meus alunos. Se você não tem a humildade de escutar - a coisa que mais fala Paul Ricoeur - tudo vem abaixo. A filosofia de Ricoeur está centrada nisso. Ora, como você vai ser um bom historiador se você não escuta? Se você não escuta o outro, como você vai escrever sobre ele? Você vai monologar. Ao historiador, a capacidade de escuta é fundamental, portanto.

Recebido em: 30 de outubro de 2014.

Aprovado em: 19 de agosto de 2015.